

A METADE IMPRONUNCIÁVEL DA QUIETUDE
Laura Riding, poeta-filósofa que percorre a linguagem no movimento indizível
de seus interstícios

(Resenha do livro *Mindscapes*, de Laura Riding. Seleção, tradução e introdução de Rodrigo Garcia Lopes. Editora Iluminuras, 249 páginas. R\$ 44, em O Globo, Prosa & Verso, p. 3, em 26/02/2005)

Há poetas que escrevem com o sangue; outros, com o coração; há aqueles que escrevem com o cérebro; alguns, que o fazem com os nervos; há quem escreva com a visão, com os ouvidos, com as pernas, com a respiração... Laura Riding escreve, sobretudo, com o pensamento, admirando-se com o que escapa dos olhos e dos sentidos. Seus poemas são a ocasião de superação da instituição literatura por uma linguagem que, imediatamente, toca a vida intensiva, confundindo-se a ela ao mostrar uma compulsão suprema pela força impositiva do movimento criador contra qualquer possibilidade inercial que teime em querer se fixar.

De tempos em tempos, ela recomeça com um novo nome, que não é, primeiramente, um nome próprio da autora, mas, a cada vez, um apelido, poético, direto de vida: Laura Reichental, Laura Riding Gottschalk, Laura Riding, Laura Jackson, Laura (Riding) Gottschalk... O impessoal buscando se intrometer pelo pessoal, inventando, neste, novos deslocamentos, rumos inaugurais e passagens constantemente abertas. Como em um de seus belos poemas: “O vento sofre de soprar,/ O mar de seu aguar,/ E o fogo de arder,/ E eu de ter um nome.// Como pedra sofre de pedrosidade/ Como luz de luzidade,/ Como pássaros de asidade,/ Eu sofro de identidade”. Tal sofrimento por saber que um nome identitário é a crença em uma realidade individual (fingidamente estanque, ainda que necessária) leva a poeta a realizar uma “tragédia da simesmidade”. O sobrenome Riding, inclusive, com o qual Laura ficou mais conhecida, é uma pura invenção legalizada por ela em 1925.

“A verdade começa onde a poesia termina”

Uma luta, portanto, com a afirmatividade do pensamento, contra a força reativa da fixidez, fazendo com que a poeta não habite exatamente as palavras, mas percorra a linguagem no movimento indizível de seus interstícios. Para ela, “a verdade começa onde a poesia termina”. Se, ao contrário do que, apressadamente, pode parecer, a poesia, sendo “uma palavra mentirosa”, é a atitude mais elevada do pensamento, aqui, a verdade, através da qual “só lhe resta olhar bem”, seria a força indizível que, no vazio

atravessador de toda e qualquer experiência, faz a “vívida realidade de palavras” proliferar. Deixar a vida ser revivificada através da revivificação das palavras mentirosas, ficcionais ou artificiosas, transmitindo-a ao leitor, parece ser seu projeto: “Respirar palavras vivas (...); endereçar vivacidade/ nos olhos que lêem”. Não é à toa que Auden a chamou de “a única poeta-filósofa viva”.

O vínculo com Platão é grande e dos mais saudáveis, manifestando-se implicitamente ao longo de todo o percurso, como se ela tivesse aprendido o que fazer para permanecer na cidade filosófica. Enquanto, através de conceitos paradigmáticos tais quais, entre outros, o mesmo, o uno, o todo, o que atravessa, o ser e a idéia, a experiência platônica ajuda a tornar pensável o impensável e possibilita um sentido para o sem-sentido de onde provém, a poeta americana, consonantemente, num belíssimo poema, “Abrir de olhos”, escreve:

“Mas e quanto ao sigilo/ Pensamento individo, pensando/ Um todo simples de ver?/ Essa mente morre sempre instantaneamente/ Ao prever em si, de repente demais,/ A visão evidente demais,/ Enquanto lábios sem boca se abrem/ Mudamente atônitos para ensaiar/ O verso simples e impronunciável”. Ou, em “Helena em chamas”: “Sua beleza, de que falamos,/ É só metade de sua sina./ Nada será revelado/ Até que as duas metades se cruzem (...)// Mas só contamos a metade, temendo saber tudo”. Trata-se de uma poesia filosófica, que, na metade dita, intensifica a metade impronunciável da quietude.

Críticos e poetas americanos comentam obra

É preciso saudar o poeta Rodrigo Garcia Lopes tanto pela sua tradução quanto pela introdução que acompanha o livro, muito bem pensada e situando, privilegiadamente, o leitor na respectiva poética. Somando-se a isto, ampliando a visão da americana que atravessou o século XX (1901-1991), bem menos divulgada do que muitos de seus pares e que, algumas vezes, parece se irmanar a S. Beckett e G. Stein, o tradutor organizou um fórum com críticos e poetas atuais americanos.

Uma das características dos poetas brasileiros que começaram a publicar nos anos 90 é a capacidade de atuarem em diversos níveis dos entornos interventivos da poesia: tradução, ensaios, resenhas, entrevistas, editoração. Traduzindo Rimbaud e Silvia Plath, publicando um excelente livro de entrevistas com pensadores contemporâneos da cultura americana, editando a revista de literatura “Coyote”, Rodrigo Garcia Lopes vem cumprindo, com mérito, este papel interventivo.